

Nã3s e Eles, Eles e Nã3s

11-Apr-2009

Admiram-se alguns com as queimas de automã3veis nos subã0rbios de Paris e a guerrilha urbana no centro de Atenas. Eu admiro-me com a paz dos outros dias. Espantam-se uns com as greves em França e as manifestaã§ãµes de Lisboa. A mim surpreende-me a massa humana pacata que todas as manhã£s vai trabalhar ou procurar emprego.

Contributo de Josã© Castro Caldas, Economista, Investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

ã

Caminhamos depressa para uma sociedade de nã3s e eles, outra vez. Nã3s tã³am acã§ãµes, obrigaã§ãµes, tã-tulos, sã£o gerentes da finanã§a. Eles tã³am emprego, quando tã³am. Trabalham para nã3s, e nã3s dã£o-lhes ou prometem-lhes trabalho. Nã3s ralam-se por nã£o saber o que fazer ao que sobra depois de pagar o salã³rio a eles. Eles angustiam-se por nã£o poder realizar os desejos que o rendimento do trabalho prometia e tã³am medo da pobreza. Nã3s entregam fortunas a quem se ocupe delas e nã£o se importam de pagar muito bem por isso. Eles sonham a crã©dito e pagam juros. As fortunas de nã3s viajam leves ao cheiro do valor mais alto. Eles tã³am os pã©s na terra, raã-zes, afectos.

Olhamos para os nã0meros. Nos ã0ltimos anos crescimento da finanã§a, aumento da desigualdade na repartiã§ã£o de rendimento entre o trabalho e o capital, mais desigualdade nos rendimentos salariais. Perguntamos porquãª e descobrimos: ã© a liberdade de movimentos dos capitais. O leilã£o tornou-se global - um quem pede menos generalizado por parte de Estados e de empresas que empurra os salã³rios, os impostos sobre os rendimentos do capital, a protecã§ã£o social e os serviã§os pã0bicos, para baixo.

A liberdade de movimentos de capitais produziu uma economia e uma sociedade insustentã³veis. Agora quem nã£o sabe ã© porque nã£o quer ver: nã£o pode ser estã³vel a economia em que crescem os rendimentos dos que poupam e diminuem os dos que consomem. Nã£o pode ser sustentã³vel a produã§ã£o que se esgota com um consumo alimentado a crã©dito. Essa economia cria uma sociedade de nã3s e eles, que nã£o pode ser sustentã³vel.

Vivi numa dessas sociedade, com uns nã3s e eles claramente separados, e sei do que estou a falar. Nã3s, eram meia dãºzia nesse tempo. Eles, os outros, muitos mais. Nã3s eram proprietã³rios, profissionais liberais, altos servidores do Estado. Eles tinham os pã©s na terra, trabalhavam com instrumentos primitivos e usavam os prã³prios corpos e os animais como forã§a de tracã§ã£o. Os mais felizes dentre eles tinham alguma pouca terra a que chamavam sua, mas muitos pagavam rendas a nã3s, ou trabalhavam para nã3s em troca de uma jorna. Em tempos piores, que agora tambã©m existem, vendia-se trabalho ao dia no mercado. As suas refeiã§ãµes eram parcas e o Inverno era frio. Quando vinha a doenã§a eles morriam, porque Deus queria. Nã3s chamavam o mã©dico a casa. A vida de nã3s nã£o seria sempre abundante mas era segura e muitas vezes agradã³vel, atã© porque eles eram outros, invisã-veis. Isto nã£o foi assim hã³ tanto tempo.ã

Depois alguns dos nã3s investiram na indãºstria e eles vieram para as periferias das cidades. Aã- havia misã©ria, uma pobreza bem pior do que a velha companheira do campo. Alguns dos nã3s faziam entã£o caridade, mas nã£o faziam justiã§a porque sem eles nã3s nã£o podiam ser.

Foi quando eles decidiram fugir, que as coisas começaram a mudar. Os nãos tiveram de pagar melhor aos que ficaram e queixavam-se de não há ninguém que queira trabalhar. Com isso os eles que ficaram começaram a poder com mais coisas.

O acesso ao consumo transformou eles e nãos também. Nãos e eles começaram a não ser tão diferentes. Mas o que mais confundiu foi vê-los uns e outros na mesma escola, no mesmo hospital, do mesmo lado no tribunal, nãos com limites no que lhes podiam mandar no trabalho e eles com direitos, e todos em partidos a lutar e a votar. Para isso, como sabemos, foi preciso uma revolução. A sociedade do nãos e eles não era sustentável.

Aprendemos assim que além dos melhores salários e do acesso ao consumo, foi a escola pública, a saúde para todos, os direitos no trabalho, o acesso à justiça e a democracia política o que mais contribuiu para esbater a diferença entre nãos e eles. E aprendemos também que com menores salários, e com a educação, a saúde e a justiça sujeitas ao critério de acesso pelo dinheiro, tenderá a haver de novo separação entre nãos e eles.

Mas desta vez tantos os nãos como os eles têm experiências anteriores que lhes ensinam que não é assim porque Deus quer. É verdade que há agora muitos deles que falam línguas estrangeiras e têm religiões diferentes da maioria dos nãos. Esses são quase invisíveis. Mas há também outros deles que são filhos de nãos e deles: educados mas sem ocupação segura. Os nãos que não fugiram para para-sos, pressentem a presença e têm medo de ambos, fecham-se em condomínios, defendem-se. Ocasionalmente eles queimam carros e bancos e centros comerciais. Será assim tão espantoso, ou apenas o aviso de que uma sociedade de nãos e eles, outra vez, não é sustentável?